



Kraazero

Anne
Lefebvre

Curadoria de Natxo Checa

Tinha acabado de apanhar a Anne no Calhariz para irmos jantar com o Pedro Henriques quando dei de caras com o Valentim Rondon. Não o via praí desde 96 quando se mudou prós Estados Unidos para ir estudar a influência do peyote nos estados de consciência alterada. A julgar pelo aspecto dele e por aquele olhar de quem sabe um segredo que está mortinho por contar, voltou a transbordar de conhecimento. Como há coisas que nunca mudam, não estranhei que ele entrasse connosco no restaurante e se sentasse à nossa mesa. A Anne, caída de para-quedas na situação, começou a agradecer-lhe os bilhetes de avião e o Airbnb em Lisboa, como se ele fosse o Bruno Marchand. Expliquei-lhe que não era o Bruno, que esse não chega a horas a lado nenhum, e pareceu-me que já que o Valentim se ia colar ao jantar, era melhor apresentá-los em condições.

Pedi a carta de vinhos enquanto comentava com o Valentim que a Anne ia fazer uma exposição na zdb. Sem ele perguntar, expliquei-lhe que o trabalho dela vinha de uma abordagem experimental à fotografia – algo que escasseia aqui no burgo, mas que, admiravelmente, lhe tinha garantido por cá uns quantos fãs incondicionais, como o pessoal da incrível Pierre von Kleist, que editou um livro dela há cerca de dois anos. Contei-lhe acerca o processo de trabalho da Anne, sobre o facto de ela usar os negativos apenas como ponto de partida, sujeitando-os depois, na ampliação, a uma data de operações – muitas das quais aparecem nos manuais de fotografia na secção “Erros a evitar” – que dão origem a imagens a preto e branco com uma densidade muito particular. São quase todas provas únicas, feitas de sobreposições, fragmentos, distorções, rasuras, arrastamentos, solarizações e outros acidentes que vão sujando e enchendo de ruído as fotografias, sobre as quais a Anne chega mesmo a intervir

com tinta, grafite ou outros riscadores do género. O resultado final é uma colecção de imagens veladas, às vezes difusas, onde coexistem coisas de universos muito distintos, como nos sonhos, onde tudo é a preto e branco e a intensidade do que se vê nem sempre depende da sua importância no enredo que se está a sonhar...

O Valentim começou a esboçar uma resposta qualquer ao que eu tinha acabado de dizer, mas dentro da minha cabeça eu continuava a pensar na variedade intrínseca das imagens da Anne. O número de fotografias que tínhamos conseguido para a exposição era muito significativo e já me tinha perguntado se, no seu conjunto, toda a sua obra não se poderia considerar como uma espécie de inventário perpétuo da sua intimidade. Claro que a maioria das fotos são documentos que transportam uma certa intimidade, mas uma coisa é uma foto de pessoas que manifestamente têm afecto umas pelas outras, outra é uma impressão do afecto ele mesmo... Uma coisa é ver o desejo plasmado nos olhos de alguém, outra é traduzir-se esse desejo em imagem... Uma coisa é fazer uma imagem que relata uma situação, outra é construir-se toda uma situação para dar a ver algo que, de outro modo, talvez nunca existisse...

Estava concentradíssimo neste rodízio especulativo quando o Bruno entrou no restaurante. Como eu previa, confundiu o Valentim com o Miguel Rondon – um dos seus vinte e sete primos e o mais profícuo e multifacetado dos artistas portugueses: uma espécie de Professor Pardal da arte contemporânea. Comecei a explicar-lhe o percurso do Valentim e que, apesar de ser a cara chapada do Miguel, as suas histórias de vida eram muito diferentes. Assim que me calei, o Valentim desata a protestar: "Como assim, diferente?! Então, mas não estamos os dois à

procura? Não acham que são apenas duas formas distintas de procurar resposta para uma mesma questão? O objectivo do trabalho artístico não será a criação de um contexto de experiência que permita, primeiro ao artista e depois ao espectador, aceder a um nível de consciência que lhes ofereça um vislumbre da verdade líquida que corre por detrás da fixidez do mundo?”

Certo, certo... Parecia-me que já tinha ouvido aquele discurso em qualquer lado... Talvez fosse por conhecer pessoalmente o contexto destas viagens-à-procura-da-iluminação perdido a tripar num deserto, ou talvez porque o ciclo de exposições da zdb está sempre a bater no ceguinho quando se trata da questão da espiritualidade na arte contemporânea. Facto é que a Anne parecia reconhecer-se, pelo menos em parte, no que o Valentim tinha acabado de dizer. Contou-me das suas próprias expedições, não exactamente à procura de iluminação, mas ao encontro de personagens centrais na sua formação artística. Como a vez em que partiu sozinha para Kassel, em 1982, em busca do Joseph Beuys e de um conhecimento mais profundo sobre aquele que lhe parecia ser o motor da verdadeira revolução artística da época. Ou aquele episódio em que a galerista Marion Meyer lhe confiou, durante um ano, uma catrefada de originais de Man Ray e Marcel Duchamp para que os classificasse e fotografasse para o catálogo de uma exposição em Paris. Readymades, rayografias, negativos, assemblages, esculturas – um espólio histórico que não poderia deixar de ter um impacto brutal na produção de uma artista recém-formada em pintura, que se aproximou e se deixou absorver, por intuição e curiosidade, pela fotografia, encontrando nesta singular tecnologia artística, o veículo de uma expressão absolutamente livre.

“Para mim, esse salto para o outro lado, como diz o Valentim, é uma questão de poesia,” notou a Anne. “De certa forma, todas as obras de arte funcionam como poemas.” E eu matutava no modo como a poesia quer deslaçar aquela força que une o significante ao significado e o quão diferente é tentar fazer isso, por exemplo, com uma imagem. E parecia-me que percebia melhor as duplas-exposições das fotos da Anne, como espasmos dessa tentativa de separação, ou as repetições de fragmentos, de referentes e de ritmos a funcionar como aliteraões visuais. Lembrava-me de como a poesia acompanhou de perto todas as verdadeiras vanguardas do século passado, do dada ao surrealismo, do lettrismo ao concretismo, e do quanto ela própria se tinha obrigado a reinventar o seus códigos e o horizonte dos seus sentidos. E fiquei a pensar em cut-ups e em cadavres esquis, em fold-ins e fluxos de consciência, enquanto media a tradução de todos eles nas imagens da Anne, nas suas superfícies fantasmagóricas, como que alumiadas por uma dream machine do Brion Gysin e embaladas pela voz de William Burroughs.

Natxo Checa

Piso 1

6	7		13	14		23	30	31	32	33		34			
5	8	12		15	22	24						35			
4												36			
3	9					25						37			
2	10	11		16	21	26						38			
			20	19	18	17	29	28	27	44	43	42	41	40	39
1															

Sala 1

1. *Ultur*, 1990

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

Sala 2

2. Sem título, 1986

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

3. *Les aimants - Raw*, 1981-1988

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

4. Sem título, 1985

Prova de gelatina de prata,
linogravura e grafite sobre
papel baritado dourado

5. *The Ring*, 1986

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

6. Sem título, 2000

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

7. *Europe Territoire Sauvage*, 1997

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

8. **Sem título, 1988**
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado
9. **Excerto da performance**
"Too much is not enough"
de Liv-Hanne Haugen e
Lawrence Malstaf, 2001
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado
10. **Sem título, 1981—1988**
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

Sala 3

11. **Sem título, 1989**
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado
12. **Sem título, 1981—1988**
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado
13. **Sem título, 1981—1988**
Prova de gelatina de prata,
carimbo e grafite sobre
papel baritado

14. **Sem título, 1986**
Prova de gelatina
de prata, linogravura,
pigmento e medium sobre
papel baritado
15. **Woman Ray, 2010**
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado
16. **Sem título, 1989**
Prova de gelatina de prata
e ferrocianeto de potássio
sobre papel baritado
17. **Sem título, 1997**
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado
18. **Anne Juli, 1986**
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado
19. **Sem título, 1990**
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado
20. **Istambul, 1986**
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

Sala 4

21. *L.H.H. 2*, 2003
Impressão digital
22. *Sem título*, 1986
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado
23. *Sem título*, 1981-1988
Prova de gelatina de prata
e tinta sobre papel baritado
24. *Nemo* (installation
Lawrence Malstaf), 2000
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado
25. *Sem título*, 1987
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado
26. *Invendable*, 1987
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado
27. *Le Lingot 2*, 1981—1988
Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado
dourado

28. *Le Lingot*, 1981—1988

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado
dourado

29. *Sem título*, 1990

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

Sala 5

30. *Sem título*, 1985

Prova de gelatina de prata,
pintura aerosol e areia
sobre papel baritado

31. *Sem título*, 1981—1988

Prova de gelatina de prata
e tinta sobre papel baritado

32. *Sem título*, 1981-1988

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

33. *Sem título*, 1986

Prova de gelatina de prata
e lápis de carvão sobre
papel baritado

34. *Mademoiselle Faure*, 1995

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

35. *Sistra A*, 1984

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

36. Sem título, 2003

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

37. Sem título, 1981—1988

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

38. *Suzanne*, 1981—1988

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

39. *La Doneux*, 1992

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

40. Sem título, 1981-1988

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

41. Sem título, 1986-1990

Prova de gelatina de prata
e linogravura sobre
papel baritado

42. Sem título, 2004

Prova de gelatina de prata
sobre papel baritado

43. Sem título, 1981-1988

Prova de gelatina de
prata, grafite, pigmento e
medium sobre papel
baritado

44. Sem título, 1981-1988

Impressão digital (2010)

Anne Lefebvre nasceu em 1963 em Boulogne-Billancourt, na França. Estudou pintura na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, de Paris, e fotografia na Parsons School, na mesma cidade. A sua primeira exposição individual teve lugar em 1993 no Centre Georges Pompidou. Desde o final dos anos 1980, as suas obras têm vindo a ser apresentadas em exposições em países como França, Bélgica, Alemanha, Holanda, Áustria, Turquia ou Estados Unidos da América, com destaque para aquelas ocorridas nas galerias Marion Meyer, Guislain e Sophie Scheidecker (todas em Paris, em 1996, 2004 e 2011, respectivamente), na maison rouge (Paris, 2014 e 2015), na galeria Pedro Alfacinha (Lisboa, 2015), no Espace Contretype (Bruxelas, 2012) e na Galerie Jean Greset (Besançon, 2013). Profundamente envolvida com a criação e edição de livros, a artista lançou, pela Lettre Volée, o livro *Billankoursk e*, pela Pierre von Kleist, o título *Hollingshausen*. A sua obra está representada nas colecções da Fondation Antoine de Galbert e Royalbooklodge, bem como em diversas colecções privadas.

Arquitetura de exposição e montagem

Ananias Costa
Bruno Marchand
Carlos Gaspar
Eduard Kshannovskyy
Joana Leão
João Dourado
Leornado Lopes
N'ianzi Mbala
Nelo Teixeira
Sasha Rozhko
Tomé Coelho
Vitali Tkachuk

Manutenção

Maria Emília
Sambú Cassamá

Folha de sala

Design Sílvia Prudêncio
Texto Bruno Marchand e
Natxo Checa

Galeria Zé dos Bois

Rua da Barroca 59, 1200-047
www.zedosbois.org

De 14 de Maio de 2018 a 12 de
Setembro de 2019

Anne Lefebvre gostaria de

agradecer a:

Alexandre Estrela
André Cepeda
André Príncipe
Bárbara Cabral
Bruno Marchand
Daniel Vandergucht
Fátima Ramalho
Isabel Albergaria
Joana Leão
José Pedro Cortes
Juli Susin
Maria Ramalho
Marina Bairrão Ruivo
Natalia de Mello
Natxo Checa
Yan Wolff



Kraazero

Anne
Lefebvre

Curadoria de Natxo Checa